

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Nuno Rodrigues de Barros

**A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DA ZONA OESTE
CARIOCA:** uma proposta de sequência didática para a geografia
escolar

Rio de Janeiro
2022



Nuno Rodrigues de Barros

A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DA ZONA OESTE CARIOCA: uma proposta de sequência didática para a geografia escolar

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar, vinculado à Pró-reitora de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar.

Orientador Professor M. Pedro Bernardes Pinheiro

Rio de Janeiro
2022

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

B277 Barros, Nuno Rodrigues de

A organização do espaço urbano da zona oeste carioca: uma proposta de sequência didática para a geografia escolar / Nuno Rodrigues de Barros. - Rio de Janeiro, 2022.

16 f.

Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Pedro Bernardes Pinheiro.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Geografia escolas. 3. Espaço urbano. 4 Sequência didática. 5. Rio de Janeiro (RJ). I. Pinheiro, Pedro Bernardes. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 910

Nuno Rodrigues de Barros

A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DA ZONA OESTE CARIOCA: uma proposta de sequência didática para a geografia escolar

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar, vinculado à Pró-reitora de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Orientador Professor M. Pedro Bernardes Pinheiro
Colégio Pedro II

Mestre Paulo Roberto Monsores da Motta Junior
Colégio Pedro II

Mestra Lucia Maria de Baére Naegeli
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2022

A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DA ZONA OESTE CARIOCA: uma proposta de sequência didática para a geografia escolar

Nuno Rodrigues de Barros

Resumo: Diante de uma trajetória marcada por questionamentos a acerca da segregação dos estudantes da periferia carioca, o artigo busca a conscientização de tais estudantes, tanto acerca do processo de desenvolvimento do espaço urbano da Zona Oeste carioca, como do valor de serem ativos na ressignificação da lógica segregadora vigente, que impossibilita que usufruam plenamente da cidade. Através de um debate inicial sobre a importância de um jovem periférico ativo contra os moldes da segregação, o trabalho propõe uma sequência didática que ensine os estudantes a rever os preconceitos acerca da área mais pobre do Rio de Janeiro, culminando com a elaboração de um livro infanto juvenil ilustrados com histórias dos bairros da Zona Oeste.

Palavras-chave: Sequência didática. Zona Oeste. Espaço Urbano. Periferia. Geografia Escolar

1. INTRODUÇÃO

Apesar de estar inserido na região mais desenvolvida do país, o espaço urbano do Rio de Janeiro possui como marca uma extrema desigualdade que se faz presente entre suas diferentes regiões. O município, um dos maiores aglomerados populacionais da América, possui grande concentração desigual de capitais, marca das metrópoles brasileiras, fruto de maiores investimentos dos agentes modeladores do espaço nas regiões centrais da cidade.

Desde o início do processo de urbanização da cidade, os agentes produtores do espaço, como os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários e promotores imobiliários intensificaram o investimento do seu capital nas áreas de maior demanda por moradia. Essas áreas de maior procura, próxima do centro econômico da cidade, acabam tendo maior especulação imobiliária, gerando imóveis de preços elevados. Assim, a classe trabalhadora acaba tendo que habitar em áreas periféricas. Esse constante processo de crescimento dos preços e segregação dos mais pobres nas áreas periféricas acaba sendo corroborado pelo Estado, que realiza seus investimentos nessas áreas consideradas nobres, gerando uma lógica de constante segregação, ou uma lógica de exclusão, onde a população periférica é quase excluída do direito pleno à cidade, como acesso à moradia, escolas federais de qualidade, saúde pública, além de centros culturais e de lazer.

Na cidade do Rio de Janeiro, “o espaço da cidade capitalista é fortemente dividido em áreas residenciais segregadas, refletindo a complexa estrutura social em classes.” (CORRÊA, 1989, p. 8). Com a segunda maior população entre as zonas urbanas do município do Rio de Janeiro, 2,6 milhões de habitantes, segundo o Instituto Pereira Passos, a Zona Oeste é a região mais distante do centro da cidade, com menor renda, com menor número de aparatos culturais públicos, entre outros índices, apesar de possuir bairros com populações de grandes cidades, o que reflete bem a segregação nessa região.

A concepção desse artigo reflete inquietações pessoais e acadêmicas que apresento brevemente. Nascido e criado em diferentes bairros da Zona Oeste, pude sentir na pele, ainda durante a adolescência, essa segregação retratada anteriormente. As escolas federais que gostaria de estudar, os centros culturais, como museus, teatros e exposições, eram distantes do meu bairro, fazendo surgir os primeiros questionamentos sobre a segregação socioespacial no Rio de Janeiro. Já dentro da graduação de geografia, percebo que a segregação e a periferização não são só espaciais, como culturais e epistemológicas. Dentro das disciplinas de Geografia do Rio de Janeiro ou Geografia Urbana, em poucos momentos, quase nenhum, a Zona Oeste do Rio foi citada, deixando claro, para um morador da Zona Oeste, que moradores dessa região são negligenciados em diferentes esferas da sociedade, como se sua história e sua cultura não fossem tão importantes.

David Harvey já dizia que “o direito à cidade é muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos.” (HARVEY, 2014, p. 28). Sendo assim, sempre me perguntei enquanto professor de Geografia, como posso mudar esse panorama com os meus estudantes? Como posso contribuir na formação de conhecimento do lugar de vivência deles? Como posso ajudá-los a tornarem-se cidadãos críticos e vivenciando plenamente a cidade? Como pode a geografia ser ferramenta de revolução na vida desses jovens?

Compreendo que é fundamental para os estudantes, moradores da zona Oeste do Rio de Janeiro, o conhecimento sobre o desenvolvimento dos seus bairros, sua história, como a economia funcionava e funciona atualmente. Isto posto, o objetivo principal deste artigo é apresentar uma sequência didática, de participação e construção coletivas, sobre a organização espacial da Zona Oeste e seus bairros para os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio residentes nessas áreas. O intuito é favorecer a compreensão da formação socioespacial do seu

bairro e ampliar a noção de direito à cidade, contribuindo para a formação de jovens cidadãos que questionam a lógica segregadora e a ressignifique. O público-alvo será o terceiro ano do ensino médio de escolas da Zona Oeste carioca, pois já terão conhecimento prévio dos conceitos bases da geografia, como por exemplo, conceitos como urbanização, segregação e periferia, além de nutrirem uma conexão com os bairros usados como recortes espaciais. O recorte utilizado será o mesmo feito pela Secretaria de Urbanização do Rio de Janeiro, usando como base a Área de Planejamento 5, que tem bairros como Campo Grande, Santa Cruz, Bangu, Realengo e Guaratiba. Excluimos bairros como Jacarepaguá, Recreio e Barra da Tijuca, apesar de estarem inseridos na Zona Oeste, pois queremos focar na área mais carente da cidade, e esses bairros possuem certos privilégios em questão de investimentos privados e públicos.

Partindo do assunto de urbanização da Zona Oeste, muitos outros temas poderiam ser destacados e debatidos como a importância da região para o Rio de Janeiro: a desigualdade no acesso a aparatos culturais e de lazer, a rede de modais de transporte urbano, centros culturais criados pela população nos bairros periféricos etc. Sendo assim, o presente trabalho tem um objetivo final, que é construir uma sequência didática de urbanização da Zona Oeste, mas durante o percurso inúmeros debates podem ser feitos para enriquecer o conhecimento do estudante.

Se tratando da metodologia escolhida para a produção do artigo, inicialmente temos um debate acerca da importância do conhecimento pleno do local onde se vive, de como a geografia é importante para a compreensão do processo de organização socioespacial da cidade e como os moradores das áreas periféricas podem ressignificar a lógica de segregação para desenvolver seus próprios centros de cultura e lazer. Nessa etapa, o objetivo é debater as potencialidades que um estudante conhecedor do seu local de vivência, e da segregação de seu bairro, pode ter para que tenha condições de usufruir com qualidade do local onde vive.

Na última sessão temos a apresentação de uma sequência didática sobre a formação do espaço urbano de alguns bairros da Zona Oeste do Rio de Janeiro, com a ideia de debater com os estudantes conhecimentos significativos acerca dos bairros que moram e transitam. Nessa etapa, o objetivo é finalizar a sequência didática com a confecção, por parte dos discentes, de um livro de histórias ilustradas, para que os estudantes mais novos, desde o fundamental I, já tomem conhecimento do processo de formação do espaço urbano dos seus bairros.

É de suma importância para nós que o discente se interesse pelas aulas de geografia, que a didática e o assunto tratado atraiam a atenção do mesmo para que ele seja processo ativo na produção de conhecimento. Diante disso, acreditamos que a produção de uma sequência didática com base no seu local de vivência possa desenvolver o olhar crítico no estudante, alcançando nosso maior objetivo.

2. UM DEBATE ACERCA DA RESSIGNIFICAÇÃO DA SEGREGAÇÃO

Se procurarmos no dicionário o significado das palavras periferia ou periférica, encontraremos uma explicação que se aproxima muito de algo que está longe do centro, na franja, na borda. Mas quando grandes autores das ciências sociais abordam o processo de periferização, não estão debatendo apenas a separação das classes espacialmente, mas todo o conjunto de consequências que o processo de segregação pode causar às classes subalternas. Correa diz que:

A segregação residencial é, em realidade, um processo que origina a tendência a uma organização espacial em áreas de forte homogeneidade social interna e de fortes disparidades entre elas, conforme aponta Castells (1983). É um produto da existência de classes sociais, sendo a sua espacialização no urbano. Sua origem remonta ao próprio aparecimento das classes sociais e da cidade, que se verificaram de modo simultâneo. (CORREA, 1989, p.60).

Essas localidades periféricas possuem péssimas condições de moradia para a população, com construções improvisadas e inacabadas, pouca infraestrutura urbana, escassa pavimentação e saneamento básico. Além disso, a população periférica também é dificultada de desfrutar de centros culturais, áreas de lazer, escolas de qualidade etc. Isso mostra que a periferia não é apenas o que está na borda, segregada geograficamente, mas é parte da população que está à margem do direito a usufruir da cidade, que tem limitado seu poder de ir e vir e de consumir os aparatos culturais que só a classe dominante pode desfrutar. Da mesma maneira que a lógica capitalista segrega, as relações e lutas exercidas pelos moradores fazem com que o espaço periférico seja ressignificado, e novas práticas culturais sejam construídas através da vivência de seus moradores, muitas vezes de maneira orgânica, sem que percebam a importância de tais práticas para o desenvolvimento local.

Com a evolução das grandes cidades, não só a malha urbana física cresce, mas também as dinâmicas internas da cidade, suas relações, contradições, lutas, reivindicações da sua população, ou seja, o espaço urbano também se distende.

A produção do espaço urbano tem sua lógica fundamentada na necessidade de aglomeração que tem o capital mas também na necessidade de ocultar contradições, isso faz com que essa produção resulte em diferentes lugares, diferentes classes e diferentes grupos. (CAVALCANTE, 2012, p. 85)

A lógica capitalista centralizadora, faz com que certos equipamentos urbanos cada vez mais fiquem afastados dessas áreas periféricas. Melo(2006) mostra em seu estudo as desigualdades existentes na distribuição dos aparatos culturais dentro da cidade do Rio de Janeiro, como praças, museus, salas de cinema, exposições culturais, e deixa claro a diferença de investimento público e privado na geração de áreas de lazer e cultura entre as áreas centrais e mais abastadas, e as áreas periféricas, como a Zona Oeste da cidade.

Em contrapartida, a população periférica ressignifica a segregação por equipamentos culturais e passa a produzir suas próprias áreas de lazer e cultura, passam a entender o funcionamento e a usufruir da cidade, forçando uma queda de braço com a lógica segregadora. Corrêa diz que “A diferenciação social produz comunidades distintas, com valores próprios do grupo, e que fazem parte do equipamento conceitual com o qual o indivíduo ‘enfrenta’ o mundo.”(CORRÊA, 1989, p.65) Casas e centros culturais, como a Areninha Carioca Hermeto Pascoal, de Bangu, que proporciona shows e apresentações de diferentes grupos musicais ou a Casa Bosque, localizada em Campo Grande, que realiza feiras culturais, palestras e festas, são exemplos de aparatos culturais de qualidade na periferia do Rio de Janeiro. Ao viver em uma

cidade, o cidadão circula por seus lugares e constrói uma relação com eles, uma relação cotidiana ativa e interativa. Nessa relação constrói os próprios lugares e é por ele construído.

É nesse aspecto que o conhecimento da cidade e a compreensão dos direitos de usufruto dessa cidade podem ajudar os cidadãos a se organizarem para compor forças nas ações de regulamentação da cidade e de seus lugares no sentido de uso democrático do maior acesso a ela, do não privilegiamento do capital, da não racionalização do espaço com base unicamente nos interesses de quem tem dinheiro para usufruir da cidade. (CAVALCANTE 2012, p. 121)

Reafirmar o direito à cidade é um meio de confrontar o modo dominante da lógica capitalista da sociedade atual. A defesa do direito à cidade para todos os seus habitantes parte do entendimento de que a produção do seu espaço é feita com a participação desses habitantes, obedecendo as suas particularidades e diferenças. A complexidade do fenômeno urbano é crescente, e exige para sua compreensão, um olhar sempre novo. Dentro dessa perspectiva, a geografia escolar tem suma importância no desenvolvimento do papel de cidadão e na obtenção da cidade por seus habitantes. Suas práticas, seus conceitos, temas e habilidades que são desenvolvidos dentro de sala de aula podem corroborar com a apropriação efetiva da cidade por quem merece usufruí-la: seus moradores.

O estudo da cidade na perspectiva geográfica, dentro de sala de aula, oferece uma grande contribuição nessa problemática. Rafael Straforini corrobora com a ideia quando diz que “O ensino de geografia comprometido com a compreensão da espacialidade dos fenômenos possibilita a compreensão de como diferentes práticas humanas criam e usam diferentes concepções do espaço.” (STRAFORINI, 2012, p. 32). Essa capacidade transformadora do ensino do olhar geográfico possui maior potencial quando o recorte são as áreas periféricas e seus moradores. Impossibilitados do acesso pleno à cidade, os estudantes de periferia parecem não compreender a relevância que possuem no processo de desenvolvimento social da cidade em que vivem e dão pouca importância para o estudo da formação socioespacial do local e conseqüentemente os processos econômicos, sociais e urbanos que levaram ao quadro atual de exclusão do direito pleno à cidade.

Na contramão desse pensamento segregador, acreditamos que “a geografia escolar tem um papel ímpar na leitura reflexiva e crítica do pensamento contemporâneo quando seus conceitos e procedimentos metodológicos são acionados pelos estudantes” (STRAFORINI, 2012, p. 177). O ensino dos conceitos geográficos, otimizado por um recorte atento à realidade dos estudantes de periferia, é capaz de fornecer as condições necessárias para a compreensão das contradições socioeconômicas.

O papel da educação e, dentro desta, o ensino de geografia é trazer à tona as condições necessárias para a evidência das contradições da sociedade a partir do espaço, para que no seu entendimento e esclarecimento possa surgir um inconformismo com o presente, e a partir daí, uma outra possibilidade para a condição da existência humana. (STRAFORINI 2004, p. 56)

Julgamos extremamente potente para esses estudantes, que sentem na pele o processo de periferização, uma abordagem que propicie a reflexão sobre as localidades em que moram e estudam como partes integrantes e vivas da história da sua cidade, para que entendam todos os meandros dos processos espaciais, seus bairros e lutas. Consideramos que ao viver a experiência, os estudantes passam gradativamente a observar e a perceber, no espaço em que circulam, o significado dos imóveis, dos monumentos e de outras formas materiais construídas no passado. Além disso, podem entender as localizações, as trocas, os processos, os conflitos, os fluxos e contribuir para a luta por uma cidade mais democrática. Tal abordagem “permite

que os estudantes de uma determinada escola compreendam, apalpando, diferentes aspectos da história do Brasil e de suas relações com o mundo, ao terem como referência o espaço e a história do lugar em que vivem” (SANTOS, 2002, p. 111). Assim como os autores citados anteriormente, acreditamos que o conhecimento geográfico tem vital importância para que os estudantes compreendam as espacialidades produzidas a partir das interações entre os múltiplos componentes espaciais presentes na própria cotidianidade deles. Através do ensino de geografia o estudante desenvolve habilidades que o ajudam a entender as inter-relações que ocorrem no seu local de vivência e como todos esses processos - urbanos, econômicos, sociais, culturais - afetam a sua vida, familiares e amigos. Dessa maneira, o estudante consegue, gradativamente, entender as complexidades dos fenômenos que ocorrem ao seu redor e a interrogar a lógica que o dificulta de ter acesso pleno à cidade, e passa a lutar por seus direitos.

3. PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO ESPAÇO URBANO DA ZONA OESTE DO RIO DE JANEIRO

Durante os 5 anos que leciono em diferentes bairros da Zona Oeste, pude perceber a falta de conhecimento, por parte dos estudantes da organização do espaço urbano do local onde vivem. Muitos não entendem a distribuição dos locais mais importantes que circulam e como entender os processos e contradições desses locais é importante para sua formação como cidadão. Isso, claro, está relacionado, inicialmente, com o baixo investimento na educação feito na área mais pobre do Rio de Janeiro, mas também a professores que não compreendem a importância que o ensino baseado no local de vivência do estudante tem, para que possam transformar a lógica segregadora destacada na seção anterior e consigam usufruir da cidade de maneira digna.

A presente seção busca criar uma sequência didática que contemple o local de vivência de seus estudantes como o ponto norteador do ensino. Com isso, busco apresentar uma sequência de aulas sobre a formação dos bairros mais importantes da zona oeste, com base em pesquisas feitas pelos próprios estudantes e seu professor e mostrar como a área onde vivem é, e sempre foi, importante para o desenvolvimento da cidade. Além disso, a sequência didática será finalizada com o desenvolvimento de um livro ilustrado com histórias acerca dos bairros da Zona Oeste.

Parte 3.1 - Objetivos

- Mapear os estereótipos e sentidos comuns que os estudantes possuem acerca da Zona Oeste.
- Ler e pesquisar sobre o desenvolvimento urbano da Zona Oeste e sua importância para o Rio de Janeiro
- Desenvolver argumentações e debates pertinentes às pesquisas dos colegas
- Elaborar um pequeno livro ilustrado com fatos relevantes do processo de desenvolvimento espacial do bairro estudado.

Etapas de formação da Sequência didática

Parte 3.2 - roda de perguntas e debate

A primeira etapa da elaboração da sequência didática será feita nos primeiros cinquenta minutos do primeiro dia das aulas. Inicialmente, remodelaremos a disposição das carteiras para um círculo, para que os estudantes possam olhar uns para os outros e o debate flua com facilidade. Nesse dia faremos um mapeamento dos estereótipos e senso comum que os estudantes possuem do seu bairro e bairros adjacentes que eles transitam. Isso será feito através de perguntas pré-elaboradas pelo professor e roda de debates com base nas respostas deles.

Perguntas norteadoras do debate

Quadro 1: exemplos de perguntas norteadoras do debate

1) Você considera o seu bairro importante para a cidade do Rio de Janeiro? Por quê?
2) Você acha que os bairros em que vivemos e transitamos são negligenciados pelo poder público?
3) Você trocaria seu bairro para morar em outra área do Rio de Janeiro? Por quê?
4) Você conhece os pontos históricos da Zona Oeste? Cite-os.
5) Você conhece pontos turísticos da Zona Oeste? Cite-os
6) No seu momento de lazer, gosta de frequentar quais locais?
7) Você acha que os bairros da Zona Oeste recebem a devida atenção por parte das esferas públicas? Como você chegou a essa conclusão?
8) Você, como morador da zona oeste, dá o devido valor aos centros culturais do seu bairro?

Fonte: Nuno Rodrigues, 2022

O objetivo inicial com as perguntas é criar gatilhos para que os estudantes possam refletir acerca do que vem diretamente as suas cabeça ao pensar nas perguntas e, com os debates, irmos criando outros caminhos para os estereótipos que os discentes possuem e futuramente gerarmos métodos didáticos para sanar alguns desses preconceitos, como destaca Machado:

Esses questionamentos têm como propósito o levantamento de algumas hipóteses iniciais e espontâneas sobre as causas do problema, algo que poderá destacar as

opiniões dos alunos baseadas na percepção mediada pelos sentidos sobre o assunto em pauta (MACHADO 2019, p. 174)

Com as perguntas e o posterior debate, possivelmente será percebido como os moradores da área mais periférica do Rio são negligenciados pelo poder público, em vista disso, não possuem o direito de usufruir da cidade de maneira ampla e relevante como merecem. Em contrapartida, os estudantes debaterão, sempre tendo o professor e seus conhecimentos como norteador do debate como a região é importante para o desenvolvimento do Rio de Janeiro, Historicamente, a região possui fábricas, plantações, estradas, centros econômicos, rotas, e outros fixos e fluxos cruciais para o desenvolvimento municipal e esse conhecimento pode ser debatido com os estudantes para que possam conhecer melhor a bagagem histórica importantíssima dos bairros onde vivem para o município e estado.

Parte 3.3 - planejamento da investigação

Para dar início ao planejamento das tarefas que compõem a investigação propriamente dita, será usado o questionamento “quais os pontos mais importantes para o desenvolvimento do espaço urbano dos bairros da Zona Oeste?”. Essa pergunta nos guiará para desenvolvermos as tarefas desta etapa, para que futuramente, essa indagação seja respondida pelos estudantes. Usaremos como base alguns bairros de destaque da área em recorte: Campo Grande, Santa cruz, Guaratiba, Bangu e Realengo. Além disso, usaremos alguns agentes produtores do espaço de cada bairro destacados por Corrêa (1989), pois a complexidade da ação dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial.

O espaço urbano capitalista... é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. São agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato. A ação destes agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção, e dos conflitos de classe que dela emergem. (CORREA,1989, p.11).

Inicialmente, a turma, que conta com exatamente 30 estudantes, será dividida em grupos de 6 componentes. Depois da divisão, apresentaremos para eles a sequência de livros intitulados “O Velho Oeste Carioca”, do jornalista, escritor e morador da Zona Oeste, André Luís Mansur. Na sequência de três volumes, Mansur conta, de maneira lúdica, através de histórias, o processo de desenvolvimento urbano espacial da Zona Oeste, desde o início da ocupação dos portugueses no século XVI, até os dias atuais. Com uso dessa obra farta de conhecimento e histórias, cada grupo ficará responsável por uma área que tenha destaque nas obras de Mansur, mas também na vivência dos estudantes e no desenvolvimento da região. Dessa maneira, dividiremos os grupos com os seguintes recortes espaciais:

Quadro 2: divisão da turma em grupos por bairros da Zona Oeste

<p>Grupo 1 - Campo Grande – Esse grupo ficará responsável pelo desenvolvimento do maior bairro do Brasil, em questões populacionais. Os integrantes deverão estudar o desenvolvimento do espaço urbano buscando relacionar as ações dos proprietários fundiários e dos produtores imobiliários, pois esses agentes produtores do espaço urbano “estão particularmente interessados na conversão da terra rural em terra urbana, ou seja, em</p>
--

interesse na expansão do espaço da cidade na medida em que a terra urbana é mais valorizada que a terra rural.” (CORRÊA, 1989, pg. 16).

Grupo 2 - Santa Cruz – O segundo grupo será designado para pesquisar o desenvolvimento do espaço urbano do bairro com maior concentração industrial do Rio de Janeiro. Santa Cruz tem grande importância no desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro, pois além de anteriormente abrigar a xácara de D. Pedro I, o que gerou a construção de uma estrada real que ligava as áreas centrais ao bairro, possui grande produção espacial, pois “os grandes proprietários industriais e de grandes empresas comerciais são grandes consumidores do espaço” (CORRÊA, 1989, pg. 13)

Grupo 3 – Guaratiba – o próximo grupo ficará responsável pelo bairro de Guaratiba e o seu desenvolvimento urbano. O espaço do bairro vem se urbanizando nos últimos anos, apesar de ainda encontrarmos áreas com características de espaço rural, com pouco intensidade de fluxos. Os estudantes precisarão dar ênfase no desenvolvimento urbano ao redor de duas grandes industriais na Região, a Tupperware e a Michelin, grandes produtoras do espaço urbano.

Grupo 4 – Bangu- O bairro de Bangu será o recorte do grupo 4. Seus integrantes, diferentemente dos outros, terão o Estado como o principal produtor do espaço urbano. Apesar do interesse do Estado estar presente em todos os bairros da Zona Oeste, Bangu se destaca pois nessa área temos a presença do Complexo Penitenciário de Gericinó, o que afetou a produção espacial do bairro. O presídio deverá ser o norteador da pesquisa e da apresentação dos integrantes do grupo, sendo o principal modelador do espaço da região.

Grupo 5 – Realengo – O bairro de Realengo será o recorte do último grupo da turma. Realengo se destaca pela forte presença de quartéis militares na região. Sendo assim, os estudantes deverão dar ênfase na produção do espaço através da presença do Estado na forma de grande provedor da ordem e como os quartéis da região afetaram o desenvolvimento do lugar.

Fonte: Nuno Rodrigues, 2022

Os cortes espaciais foram escolhidos com base nos bairros mais citados na obra de Mansur. Cada grupo ficará responsável, sob a supervisão do professor em sala de aula, pela leitura dos capítulos que contam histórias dos seus respectivos bairros, já que os livros não possuem uma divisão bem clara, tendo diferentes relatos sem ter certa linearidade ou recorte fixo dos fatos. Além disso, usarão programas e aplicativos simples como Google Earth e imagens de livros ou da web para mapear e ilustrar os pontos destacados pelo autor nos capítulos selecionados.

Parte 3.4 - Reflexões acerca das pesquisas

Nesse estágio, o objetivo é fazer com que o estudante reflita sobre as perguntas e o debate da primeira etapa para que possa, após todo o conhecimento adquirido, despertar seu ator político, ou seja, ser capaz de criar e propor soluções para ressignificar a lógica de segregação dos seus bairros.

O instrumento de pesquisa deve servir para o aluno dialogar e questionar o mundo. Com base em Demo (1991, p. 88), afirmamos que o instrumento de pesquisa pode despertar o ator político nos estudantes, ou seja, alguém capaz de criar e propor soluções, colocando-os em situações de aprendizagem que ultrapassam o mero despertar da curiosidade ou o assombro. É por esse motivo que o instrumento de pesquisa assume papel central na investigação...(MACHADO 2019, p. 175)

Para finalizar a terceira etapa, será refeito o círculo de cadeiras da etapa inicial e outro debate será iniciado com o objetivo de os estudantes notarem uma possível incoerência entre os estereótipo e senso comum, revelados durante a atividade de perguntas e debate, com os conhecimentos que foram paulatinamente construídos durante a investigação, colocando-os

diante de dilemas. Uma vez verificadas as mudanças nas respostas iniciais com as formuladas após o processo de investigação, ficará clara a superação de alguns dos preconceitos e senso comum revelados na primeira etapa.

Após essa percepção, será feito um debate sobre a importância histórica da Zona Oeste e de seus moradores para a cidade do Rio de Janeiro. Nesse debate, falaremos sobre o processo de segregação que sofrem, como podem se tornar cidadãos políticos ativos.

Quarta etapa- Elaboração do livro ilustrado

O objetivo da etapa derradeira é deixar um legado para os jovens estudantes das instituições de ensino da Zona Oeste. Chalita (2015) discorre acerca da importância de pensarmos em propostas diferenciadas para abordar os conteúdos em sala de aula. “Por que ensinar tais e tais conteúdos? Para quem se ensina Geografia? Que mundo desvendar para o aluno a fim de que ele, a partir daí, possa transformar-se em estudantes? Enquanto professora, o que se permite ensinar para que haja aprendizagem significativa?” (CHALITA, 2015, p. 143-144). Por isso, a quarta etapa da sequência didática consiste na confecção de um livro ilustrado com algumas histórias importantes acerca da formação dos bairros da Zona Oeste carioca. Cada grupo ficará responsável por escolher 2 passagens entre as histórias presentes na coletânea de livros “O velho Oeste Carioca”. Essas histórias deverão ser contadas e ilustradas em pequenas e sucintas passagens que serão distribuídas posteriormente para os estudantes do fundamental I e II. A finalidade é poder passar para os estudantes mais jovens os conhecimentos adquiridos pela turma durante todo o processo da sequência didática.

Figura 1 – Exemplo de página do livro de histórias ilustradas



Fonte: Nuno Rodrigues, 2022

Figura 2 – Exemplo de página do livro de histórias ilustradas



Fonte: Nuno Rodrigues, 2022

A elaboração dos desenhos e dos textos poderá ser feita em aplicativos de celular, como o Autodesk Sketchbook. Nesse tipo de programa, que pode ser encontrado de graça nas plataformas de aplicativos, é possível criar desenhos de maneira fácil. Os grupos podem usar os dedos das mãos ou canetas com ponta de silicone para elaborar as ilustrações de maneira simples e lúdica. Posteriormente, reuniremos as ilustrações e modelaremos um livro com todas as histórias e imagens criadas pelos estudantes. Como destacado anteriormente, o objetivo maior da sequência didática é gerar conhecimento acerca do desenvolvimento urbano da região de vivência dos estudantes, para que eles entendam o processo de segregação que ocorre e posteriormente tentar reverter essa lógica, e o livro ilustrado será uma ótima maneira de despertar interesse dos mais jovens de maneira lúdica e menos engessada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado busca usar a geografia como ferramenta de transformação da vida de muitos jovens da periferia, que muitas vezes possuem poucas perspectivas de expandir seus horizontes, pois estão acostumados com o acesso limitado que possuem da cidade. Através de um amplo debate, discutimos a importância da geografia na ressignificação de uma lógica segregadora que dificulta a possibilidade de um morador da Zona Oeste de usufruir plenamente da cidade onde vive. Para nós, os agentes modeladores, impulsionados pela força do capital, separam os mais carentes em locais com menor acesso a aparatos culturais e sociais. Em contrapartida, as relações e lutas exercidas pelos moradores fazem com que o espaço periférico seja ressignificado, e novas práticas culturais sejam construídas através da vivência de seus moradores, muitas vezes de maneira orgânica.

A proposta de sequência didática teve como meta mostrar aos estudantes da Zona Oeste, o desenvolvimento do espaço urbano em que vivem, mas também contribuir para que possam ser cidadãos ativos, questionando a realidade em que vivem e pensando em propostas de intervenção para mudar a lógica que os dificulta do acesso pleno a cidade. Sendo assim, dividimos a sequência didática em partes, para que cada uma possa chegar a um objetivo

importante no debate. Inicialmente, mostraremos aos alunos os estereótipos preconceituosos que podem ser criados por muitos acerca da Zona Oeste e, posteriormente, após ampla pesquisa e leitura, a sequência didática objetiva desconstruir esses preconceitos, mostrando a importância dos bairros em que os estudantes moram para o desenvolvimento espacial do Rio de Janeiro. A proposta de sequência didática é finalizada com a elaboração de um livro ilustrados com histórias do desenvolvimento da região, pois se o objetivo é deixar mais claro aos jovens a importância dos seus bairros para o desenvolvimento do Rio de Janeiro, será de extrema importância compartilhar saberes com o Fundamental I, para que possam crescer cidadãos críticos.

Durante a elaboração do artigo, ficou claro o poder transformador que a geografia possui. Com base nos seus conceitos fundamentais e usando um olhar geográfico espacial, os estudantes são capazes de entender e racionalizar a espacialidade dos fenômenos urbanos, compreender como a lógica capitalista dificulta os mais pobres do acesso à cidade e assim buscam maneiras de ressignificar essa lógica. Por isso, é de extrema importância a luta pela manutenção, relevância e fortalecimento da geografia no currículo escolar do ensino médio, pois está claro que é uma importante ferramenta para a compreensão das potencialidades do periférico.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus Editora, 1998

_____. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus Editora, 2012.

CHALITA, Ana Lucia. Ensinando geografia através do lúdico: uma proposta de aprendizagem significativa. In: SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; ANTUNES, Charlles da França; SANTANA FILHO, Manoel Martins de. (org.) **Ensino de Geografia: produção do espaço e processos formativos**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015, p. 143-169.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

LAGO, Luciana Corrêa do. **Desigualdade e Segregação na Metrôpole: O Rio de Janeiro em tempo de crise**. Rio de Janeiro : Letra Capital, 2015.

MACHADO, Júlio César. Proposta de estrutura de sequência didática para o planejamento das aulas de geografia. Campinas: **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, 2019. v. 9, n. 17, p. 168-180, jan./jun., 2019

MANSUR, André Luis. **O velho Oeste carioca: História da Ocupação da Zona Oeste do Rio de Janeiro (de Deodoro a Sepetiba) - Do Século XVI ao XXI: Volume 1**. Rio de Janeiro: Ibris Libris, 2008

_____. **O velho Oeste carioca: História da Ocupação da Zona Oeste do Rio de Janeiro (de Deodoro a Sepetiba) - Do Século XVI ao XXI: Volume 2**. Rio de Janeiro: Ibris Libris, 2011

_____. **O velho Oeste carioca: História da Ocupação da Zona Oeste do Rio de Janeiro (de Deodoro a Sepetiba) - Do Século XVI ao XXI: Volume 3.** Rio de Janeiro: Ibris Libris, 2016

PERES, Fabio de Faria; MELO, Victor Andrade de. **Espaço, lazer e política: desigualdade na distribuição de equipamentos culturais na cidade do Rio de Janeiro.** Revista Digital - Buenos Aires - Fevereiro de 2006. Disponível em < www.efdesportes.com>

SANTOS, J. J. M. dos.: 'História do lugar: um método de ensino e pesquisa para as escolas de nível médio e fundamental'. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 9(1):105-24, jan.-abr. 2002.

SILVA, Vânia Regina. **Centralidade urbana: Campo Grande – RJ e suas articulações através do transporte público.** Rio de Janeiro, 2009, p.18

SILVA, Vânia Regina. **O desenvolvimento geográfico desigual engendrando processos diferenciados: o exemplo do bairro de Campo Grande – RJ.** Rio de Janeiro, 2009.

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia nas séries iniciais: o desafio da totalidade mundo.** São Paulo: Anablume, 2004.

STRAFORINI, R. **O ensino de Geografia como prática espacial de significação.** *Estudos Avançados, [S. l.]*, v. 32, n. 93, p. 175-195, 2018. DOI: 10.5935/0103-4014.20180037.